

A identidade pela cor: uma análise da obra *O menino marrom*, de Ziraldo

Luciana Freesz¹

RESUMO: O presente artigo propõe analisar a obra *O menino marrom* (1986), de Ziraldo, visando ressaltar o simbolismo cromático na construção dos personagens da narrativa. Temos como objetivo investigar os papéis e a influência das cores na identidade do menino marrom e do menino cor-de-rosa, a partir das analogias que são recorrentes no texto. Verificamos que o narrador adota a perspectiva questionadora da infância para realçar que as cores estão diretamente relacionadas a determinadas qualificações positivas ou negativas.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil; Identidade; Cor.

ABSTRACT: The present article proposes to analyze the work *O menino marrom* (1986), produced by Ziraldo, aiming to emphasize the chromatic symbolism in the construction of the characters of the narrative. We intent to investigate the roles and the influence of colors on the identity of the brown boy and the pink boy, from the analogies that are recurrent in the text. We have verified that the narrator adopts the questioning perspective of childhood to emphasize that the colors are directly related to certain positive or negative qualifications.

Keywords: Children's Literature; Identity; Color.

Introdução

A literatura infantojuvenil brasileira contemporânea tem tido um importante papel na desconstrução de estereótipos negativos relacionados ao negro. Contudo, ainda permanecem, tanto na literatura, quanto em vários outros meios, na publicidade, na televisão ou no cinema, construções formatadas e fixas do que significa ter uma identidade negra. Ainda não é possível, infelizmente, negar o racismo existente na sociedade brasileira. Usando uma expressão de Frantz Fanon presente na obra *Pele negra, máscaras brancas* (1952): “uma sociedade é racista ou não o é” (FANON, 2008, p.85).

Dentre os anos de 1950 e 1975, cerca de 170 livros nacionais foram analisados por Fúlvia Rosemberg no artigo “Discriminações ético-raciais na literatura infantojuvenil brasileira” (1979). Como resultado, a pesquisadora concluiu que a literatura voltada para crianças e adolescentes reforçou estereótipos do negro e do índio de acordo com o

¹ Mestre em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

etnocentrismo corrente. De acordo com Rosemberg: “o branco é tido como representante da espécie e a branquidade, é tida como a condição normal e neutra, como consequência, os não-brancos constituem exceção”. (ROSEMBERG *apud* FRANÇA, 2008, p.112). Dentre as principais formas de discriminação dos indivíduos não-brancos, a autora especifica: a preferência pela personagem branca na ilustração da obra; diferentes traços, comportamentos e funções sociais para personagens brancas; representações incompletas do negro e associações a personagens antropomorfizados e animais. Rosemberg ressalta ainda a utilização do simbolismo da cor negra para fazer alusão à maldade, a sujeira e à tragédia.

O menino marrom de Ziraldo, obra publicada pela primeira vez em 1986, possui uma narrativa que introduz um olhar diferenciado e uma nova perspectiva de tratamento a um personagem negro. Divergindo de outras histórias infantis, *O menino marrom* se coloca como uma obra literária atípica dentro das tendências de representação comuns à figura do negro na década de 1980: associação à favela, a marginalidade, temas africanos ou afro-brasileiros, quilombo, ridicularização e humilhação do negro em determinados espaços sociais etc.

Nessa narrativa, os personagens do livro são dois meninos repletos de curiosidades e indagações: “Inventavam os brinquedos mais malucos do mundo, as indagações mais inquietantes.” (ZIRALDO, 2013, p.13). Estes personagens questionam os sentidos atribuídos às cores² e de que maneira as representações afetam as individualidades humanas, quando pensadas em suas relações com o corpo, mais especificamente, com a pele.

A partir dessas “indagações inquietantes”, iremos focar neste artigo a questão da cor e as imagens por ela geradas. Esperamos, ao final, compreender as identificações superficiais de sentidos, e, por este caminho, entender a lógica das estruturas sociais. Pretendemos oferecer mais um ponto de vista sobre a dicotomia entre branco e negro na civilização, a partir da sutileza dos significados cromáticos.

A obra *O menino marrom* chama a atenção para a capacidade inventiva do ser humano e alerta para as dificuldades que os adultos têm de enxergar os símbolos e as analogias propagadas no meio sócio-cultural. Uma vez que: “só criança é capaz de observar as coisas com os olhos de primeira vez” (ZIRALDO, 2013, p.8) indagamos, com o olhar de crianças,

² Ziraldo, já havia trabalhado com a temática das cores em *Flicts* (1969), obra que conta a história de uma cor, de nome *Flicts*, que se sente diferente e isolada no mundo.

por que, nas relações entre brancos e negros³, ainda permanecem associações a significados atribuídos às cores? Se: “para o homem, tudo vira símbolo” (ZIRALDO, 2013, p.29), por que ainda não conseguimos ver nitidamente estas associações? Por que continuamos a atribuir certas qualificações às cores, que acabam se incorporando aos comportamentos ou atitudes nocivas em nossa sociedade tão plural e multifacetada?

1. Era uma vez o menino marrom

Como em um conto de fadas, a história tem início pela voz de um narrador que se assemelha à figura de um contador de histórias. Esse narrador interfere a todo momento, com comentários pessoais, opiniões, digressões e um número considerável de referências à cultura de massa. Na primeira parte do texto, lemos:

Era uma vez um menino marrom.
Ele era um menino muito bonito. Acho que dá para se ter uma ideia pelo desenho (que está logo aí, na virada da página)⁴. Caprichei no desenho do menino, mas acho que ele era muito mais bonito pessoalmente. Vou ter até que ajudar com algumas informações, que é para a descrição do menino marrom ficar mais completa. Sua pele era cor de chocolate. Chocolate puro, não aqueles misturados com leite (não gosto de chocolate com leite, daí achar a cor do chocolate puro mais bonita). Os olhos dele eram muito vivos, grandes. As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas, não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza. (ZIRALDO, 2013, p.3)

Existe, no início da narrativa, um jogo de descrições, comparativas entre cores e elementos da natureza. A caracterização do menino marrom é construída por analogias, que perpassam por todo o rosto e o corpo do menino. Na sequência ao texto descritivo, está a ilustração do menino marrom que “reforça, elaborando o texto” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p.22), para que não haja a menor dúvida a respeito da aparência deste personagem.

³ Utilizamos aqui esta separação binária propositalmente para enfatizar a questão da cor, embora, na realidade, acreditamos que a terminologia de Muniz Sodré, “claros e escuros”, seja mais coerente.

⁴ O autor optou por indicar a ilustração da página 5, que mostra o menino marrom de pé e não fez questão de usar como modelo o menino marrom abraçado à letra “E” capitular da página 3, cujo texto é reproduzido na citação acima.

Figura 1. O menino marrom



O narrador inicia a sua descrição física do menino com a frase: “Ele era um menino muito bonito”, em uma atitude prévia de simpatia. Continuado, ele nos diz que: “sua pele era cor de chocolate”, uma comparação que relaciona a cor marrom a algo considerado pela maioria das pessoas como bom e saboroso, o chocolate. E ele ainda acrescenta: “chocolate puro, não aqueles misturados com leite”, estabelecendo, neste exato momento, a ideia de associação com uma cor genuína, que não foi “clareada” com a adição de leite. Sua pele não é “lactiforme” (FANON, 2008, p.57). Percebemos, desde já, um comentário definitivo sobre a cor particular do personagem. O narrador procura situar os leitores dentro da percepção exata, ou melhor, da identidade desta cor, que aparece como uma cor crua⁵ (já que falamos de cores) exata a que ele quer se referir. De acordo com Israel Pedrosa:

a cor não tem existência material: é apenas sensação produzida por certas organizações nervosas sob a ação da luz – mais precisamente, é a sensação provocada pela ação da luz sobre o órgão da visão. Seu aparecimento está condicionado, portanto, à existência de dois elementos: a luz (objeto físico, agindo como estímulo) e o olho (aparelho receptor, funcionando como decifrador do fluxo luminoso, decompondo-o ou alterando-o através da função seletora da retina). (PEDROSA, 2014, p.20)

Dentro de nossa realidade, o menino marrom é identificado como um menino negro. Levando em conta que: “os dados psicológicos alteram substancialmente a qualidade do que

⁵ “É a cor pura, que não apresenta gradações.” (PEDROSA, 2014, p.26)

se vê” (PEDROSA, 2014, p.21) é natural, que o leitor a primeira vista coloque o menino na “classificação social” de cor que ele conhece, portanto: negro.

No dicionário Aurélio, a palavra “negro” significa: 1. Preto. 2. Diz-se do indivíduo que tem a pele muito pigmentada. 3. Diz-se da raça cuja principal característica distintiva é a pele escura. 4. Sombrio, lúgubre. 5. A cor preta. 6. Indivíduo de raça negra.

Assumindo que a palavra ‘negro’ é igual à palavra ‘preto’ vemos que a essa cor sempre foram feitas associações a efeitos ou sensações negativas. É melhor ainda lembrar que: “o preto não é cor. Seu aparecimento indica a privação ou a ausência de luz.” (PEDROSA, 2014, p.132)

Entretanto, apenas para nos situarmos na teoria das cores, interessa-nos saber que é frequente encontrarmos a cor preta qualificando objetos de maneira muito mais negativa do que positiva. O artista plástico Wassily Kandinsky nos diz que: “não é sem razão que o branco é o adereço da alegria e da pureza sem mácula, o preto, o do luto, da aflição profunda, o símbolo da morte.” (KANDINSKY, 2015, p.96)

Retomando as descrições: “As bolinhas dos olhos pareciam duas jabuticabas: pretinhas. Aliás, pretinhas, não. Jabuticabas não são pretas. Para falar a verdade, tem muito pouca coisa realmente preta na natureza.” (ZIRALDO, 2013, p.3) Vemos que a cor das jabuticabas são motivo de grande questionamento para o narrador. Ao relacionar elementos da natureza à cor preta, ele pretende elucidar, dentro de nossa capacidade visual, a ilusão proporcionada pelas cores. Ele nos lembra da aparência/ilusão cromática e provoca-nos para pensar nos enganos ocasionados pelo que pensamos ser “preto”. Continuando:

Se você for examinar bem a jabuticaba, vai descobrir que ela é roxa-muito-preta. Preta mesmo, não é. Mas deve ter coisas pretas-muito-pretas na natureza. Que tal cabelo de gente? Olha, dizem os estudiosos e especialistas que não existe cabelo humano absolutamente preto. Você sabia?

Ah! tem pelo de animal! A pantera é preta, as manchas do couro do boi são pretas, o gato preto é preto. E pretas são as asas da graúna, como são as do urubu, as do anum, as do condor e as do açum-preto.

E no reino vegetal, o que é que tem que é preto mesmo, absoluto? Aquele olhinho do fruto do guaraná, acho que é preto de verdade. E tem o azeviche. Você conhece aquela canção que diz: “Da cor do azeviche, da jabuticaba, boneca de piche...”?

Pois é, azeviche deve ser pretão mesmo, pois o Ary Barroso – autor da música – não iria mentir pra gente. Mas... espera aí: azeviche não é vegetal. Ou é?

Bom: o que parece pretão mesmo, preto definitivo na natureza, é o carvão. Fica assim: o carvão é o preto absoluto, pronto. (ZIRALDO, 2013, p.3)

Na sequência do texto, o narrador estabelece que o personagem que ele irá tratar é marrom: “E vamos deixar de ficar falando nesse negócio de preto, pois a nossa história é do menino marrom.” (ZIRALDO, 2013, p.3). Existe uma intenção do narrador em oferecer aos leitores uma estrutura de pensamento de diferenciação específica das cores, como se ele nos dissesse “preto é preto” e “marrom é marrom”. O narrador quer, portanto, caracterizar o menino a partir do que ele realmente vê. Há uma preocupação em chamar a atenção para a visualidade do “marrom”, deixando evidente a diferença entre o “preto”. Cada cor tem a sua própria identidade, conseqüentemente, distinta uma da outra. Ao ler essas passagens, fica claro que, ao pensar em uma cor, automaticamente surgem sugestões de significados para o leitores. A pergunta: “E no reino vegetal, o que é que tem que é preto mesmo, absoluto?” nos mostra como a superfície das formas nos enganam, inclusive, pela sua cor. A identidade de uma cor é completamente subjetiva.

As caracterizações das cores se propagaram em direção a caracterização dos seres humanos. De acordo com a tese de doutorado *O papel do negro e o negro no papel* (2013) de Nobuyoshi Chinen, várias foram as justificativas encontradas para inferiorizar a figura do negro em relação ao branco. Chinen enfatiza que, embora desde a antiguidade os homens já se reconhecessem em suas diferenças físicas, as ideologias raciais apareceram com as instituições sociais, que exploraram as diferenças fenotípicas humanas para ganhos financeiros. Sobre as primeiras associações:

Existem várias combinações possíveis de características que podem variar de acordo com a localização geográfica, embora, não do modo como muitas pessoas imaginam. Povos de locais diferentes podem ter traços físicos parecidos. O grande problema resulta do fato que a maioria das pessoas normalmente associa as variações físicas, que são visíveis, com variações menos observáveis como inteligência, motivação e moralidade, levando a um conceito de raça que não corresponde à variação que existe na natureza. Desse modo, raça não é um dado ou fenômeno biológico, mas uma construção social. (GRAVES JR., 2001, p.5 *apud* CHINEN, 2013, p.30)

Comparativamente à “construção social” das raças, podemos relacioná-la à questão da cor. Confirmando as características atribuídas à cor preta temos que:

Depois da abolição, a cor negra passou a ser vista como uma identidade negativa por estar associada justamente ao trabalho escravo e o “embranquecimento” era considerado pré-requisito para a mobilidade bem-sucedida. Esses conceitos prevaleceram e fizeram parte da visão cognitiva de todas as sociedades americanas até boa parte do século XX. O que distinguia o Brasil não era tanto a ausência de preconceito, mas as sutis diferenciações que o preconceito criava. A classe era um determinante tão poderoso que em geral os atributos de classe influenciavam a definição de cor, independente das características fenotípicas do indivíduo. Muitos advogados negros eram definidos como mulatos, e mulatos, como brancos. (LUNA; KLEIN, 2010, p.339 *apud* CHINEN, 2013, p.31)

Voltando às descrições físicas do menino marrom, percebemos pelo texto a insistência do narrador em fazer com que o leitor enxergue as cores como são na natureza e não seja enganado pela abstração das palavras, propondo uma ruptura e uma observação atenta das diferenças.

Prosseguindo na história, o narrador se preocupa em oferecer ainda as características psicológicas da criança. De personalidade curiosa – “Era, isto sim, muito curioso”–, o menino marrom é uma criança normal, inventiva e inteligente. Como todas as crianças, ele também chega a idade do porquê – “Por que a água escorrega? Por que o fogo é quente? Por que eu tenho que ir dormir? Por que eu não tenho irmão? Mãe, por que é que a sua barriga ficou grande?”. (ZIRALDO, 2013, p.6)

Vimos que, ao descrever e associar as diferenças pelas cores e formas, o narrador traz à tona a figura de uma criança comum. No texto, ocorre a dissociação da cor da pele do menino e da cor preta. O menino marrom é apenas um menino. A partir das associações e das dissociações, o menino marrom é “humanizado” constituindo-se como personagem destituído de estereótipos negativos ou de conotação pejorativa.

A história de *O menino marrom* irá se desenvolver em torno da relação de amizade entre dois meninos. Em um tempo e lugar indeterminado, ambos irão se deparar com as curiosidades e dúvidas da infância.

2. Cor da pele...

Na história, dois personagens são destacados: o menino marrom, que aparece logo no início da narrativa, e o menino cor-de-rosa, que aparece logo em seguida. Os personagens não têm nome próprio e são assim denominados por suas cores.

Para categorizar o menino cor-de-rosa⁶, o narrador se depara com as difíceis questões visuais impostas. No trecho abaixo:

Bem, as crianças não são exatamente cor-de-rosa. Elas só tem essa cor em desenhos e em livros infantis. O problema dos poetas é que a cor da pele não tem um nome exato. Quando, por exemplo, faço uma ilustração para um livro e faço o desenho com traço preto sobre papel branco, eu indico as cores que quero para cada detalhe. E aí, anoto a lápis, do lado, para o técnico da gráfica colorir meu desenho com seu sistema de filmes coloridos.

Um dia, mandei o desenho de um personagem para ele e marquei do lado as indicações das cores que eu queria: “Quero amarelo na camisa, verde-escuro na calça e cor de pele no menino”.

O técnico da gráfica me ligou de volta: “Escuta, o senhor quer cor de pele branca ou cor de pele marrom?” (ZIRALDO, 2013, p. 8)

Nesta digressão dentro da narrativa, observamos novamente o problema da identificação das cores. A indagação faz o narrador pensar sobre qual cor da pele ele está se referindo. O que levou o autor a pensar no tema foi a situação de reflexão imposta pelo técnico da gráfica. O funcionário possibilitou um questionamento sobre o imaginário referente à “cor da pele”.

Nesse sentido, nos deparamos com um problema. Aproveitando o comentário de Fanon: “O problema é muito importante. Pretendemos, nada mais, nada menos, liberar o homem de cor de si próprio. Avançaremos lentamente, pois existem dois campos: o branco e o negro.” (FANON, 2008, p.26). Nesses campos polarizados (negro e branco/branco e negro) existe uma vasta gama de colorações, então, como é possível pensar em uma pigmentação única, que possa ser a cor “oficial⁷” da pele humana?

Em determinado momento do texto, os dois meninos esbarram, pois agora é a vez deles, na questão das cores. No trecho abaixo:

Foi numa tarde, os dois brincavam com suas cores, quando o menino marrom misturou todas as tintas que tinha na caixinha de aquarela, todas as cores do arco-íris. E aí, sabe que resultado que deu? A mistura de todas as cores todas deu um marrom. Um marrom forte como o do chocolate puro. O menino marrom olhou para

⁶ Acreditamos que o autor optou por denominar o menino “cor-de-rosa” e não “rosa” para evitar a associação com a flor. Caberia pensar que a flor “rosa”, poderia sugerir uma outra associação à homossexualidade.

⁷ No ano de 2015, a Uniafro (Programa de Ações Afirmativas para a População Negra), em parceria com a empresa Koralle, criou um estojo de giz de cera com 12 cores de pele, que variam do bege ao marrom-escuro. A ideia é fazer com que as crianças encontrem tons entre opções mais realistas, mostrar a diversidade racial da nossa população e promover a igualdade entre os alunos.

aquela cor que ele tinha inventado e falou: “Olha aí, é a minha cor!” (ZIRALDO, 2013, p.15)

É nesse momento da história que o menino marrom se vê: “Olha aí, é a minha cor!”. No episódio, ambos os meninos ficam inquietos e querem entender sobre os matizes. Na sala de aula, a professora mostra para os meninos o Disco de Newton, o que faz com que ambos fiquem com mais dúvidas do que já estavam.

Ao retomar a polêmica questão cromática, dessa vez incluindo a cor branca, os personagens começam a tomar consciência de suas constituições físicas. No texto:

Os dois voltaram para casa calados, com a cabecinha fervendo.
A coisa tinha ficado deste jeito: se misturar todas as cores e elas não girarem, elas ficam marrom.
Se misturar todas as cores – em partes iguais – e botá-las para rodar, elas viram o branco.
Estava tudo assim, quando, de repente, o menino marrom falou para o menino cor-de-rosa:
“Quer dizer que eu sou todas as cores paradas e você é todas as cores em movimento?”
O menino cor-de-rosa pensou um pouco e respondeu: “Só tem um detalhe: eu não sou branco!”
Pronto. Agora é que as coisas complicaram de vez...
E voltou aquela discussão: o que é realmente branco na natureza?
O tipo da pergunta de menino curioso!
(ZIRALDO, 2013, p.18)

Continuando a narrativa, os próprios personagens se reconhecem visualmente. Eles são dois meninos que um dia descobrem serem de cores distintas:

Puxa vida! Se um era marrom e o outro era – digamos – cor-de-rosa, por que é que todo mundo dizia que um era preto e o outro era branco?
Imagina: eles nunca haviam se preocupado com isso. Mesmo marrom, o menino marrom achava normal ser chamado de preto. Mesmo cor-de-rosa, o menino cor-de-rosa achava normal ser chamado de branco.
Agora, como na caixa de aquarelas, estava tudo misturado na cabeça deles.
Eles tinham estado juntos, praticamente, desde o dia em que nasceram, brincando, conversando, inventando coisas, brigando, rolando na grama, dando socos um na cara do outro, fazendo as pazes, brigando de novo, passeando na praça, jogando na escola, sempre juntos, sempre às gargalhadas, sempre inventando moda.
E nunca tinham se preocupado com o fato de um ser de uma cor e o outro ser de outra.
Agora, eles queriam saber o que que era branco e o que que era preto e se isso fazias os dois diferentes. (ZIRALDO, 2013, p.20)

No trecho acima, percebemos que a questão da cor pode ser totalmente invisível para aqueles que não se depararam com alguma situação na qual a coloração é posta em análise. O problema é a cor, é aquilo que está na superfície. A pergunta: “por que é que todo mundo dizia que um era preto, e o outro era branco?”, atinge, do interior para o exterior do texto, a experiência da realidade. Se distanciando da inocência, eles finalmente vão pensar sobre suas identidades. Ambos nunca haviam se preocupado com suas diferenças.

Segundo Stuart Hall:

As palavras são “multimoduladas”. Elas sempre carregam ecos de outros significados que elas colocam em movimento, apesar de nossos melhores esforços para cerrar o significado. Nossas afirmações são baseadas em proposições e premissas das quais nós não temos consciência, mas que são, por assim dizer, conduzidas na corrente sanguínea de nossa língua. Tudo que dizemos tem um “antes” e um “depois” – uma “margem” na qual outras pessoas podem escrever. O significado é inerentemente instável: ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). (HALL, 2000, p.41)

O choque experimentado pelos personagens é proporcional à separação entre as duas cores, enquanto tonalidades. A palavra “preto” e a palavra “branco” movimentam significados, e estão baseadas em premissas inconscientes. Logo, essas tonalidades, acima de tudo, carregam “margens”, que os personagens menino marrom e menino cor-de-rosa tentam “fechar”.

Em outro momento, o menino marrom, já crescido, percebe de maneira simples e direta a existência da discriminação de cor:

“Se o azul é uma cor fria e o vermelho é uma cor quente, por que é que, na cabeça de ninguém, uma é o contrário da outra? Quem foi que inventou que o preto é o contrário do branco? Se eu sou marrom e se meu melhor amigo não é exatamente branco, por que é que nos chamam de preto e de branco? Será que é para que fiquemos um contra o outro?” (ZIRALDO, 2013, p.29)

As perguntas impostas pelo menino põem em dúvida a maneira como entendemos o mundo ou pensamos entendê-lo, pois provocam um desconforto na nossa consciência, ao mesmo tempo em que aguçam ansiosamente o nosso senso crítico.

Assim como o negro é construído como negro, e o branco construído como branco, a “cor da pele” é construída. A cor é um “dispositivo discursivo” (HALL, 2000, p.2). Aos diferentes tipos humanos foram associadas características cromáticas e o que elas

representam, tanto positiva quanto negativamente. O cérebro humano não consegue distinguir, ou apresenta extrema dificuldade em dissociar a coloração de seu simbolismo.

Para melhor exemplificarmos nosso argumento: quando se diz “menino branco”, de imediato vemos a cor branca e todas as suas combinações de significado, as relações simbólicas estabelecidas com a realidade. Da mesma forma, com “menino negro” vemos toda a gama de imagens que a palavra “negro” pode produzir.⁸

Ao término do texto, o narrador deixa indeterminado o futuro de cada um dos meninos:

Só sei que os dois continuam fazendo das suas. Um é craque de basquete, e o outro, de voleibol; um já está quase formado, e o outro não estuda mais – ou os dois já se formaram, todos dois já são doutores – já nem posso precisar. Só sei que um desistiu de tocar a bateria e o outro fez um samba e gravou uma canção; um está tocando flauta, e ou outro, violão. Um deles já se casou – se casou, eu não sei bem – e o outro perdeu a conta das namoradas que tem. Um quer conhecer o mundo, e o outro, a Patagônia; um é o rei da informática, e o outro, do videoclipe; um andou fazendo cursos de teatro e literatura, e o outro já fez figura num festival da canção. Um já conseguiu emprego; o outro foi despedido do quinto que conseguiu. Um passa seus dias lendo – ou não sei se são os dois -, um não lê coisa nenhuma, deixa tudo pra depois. Mas faz cada verso lindo, que ainda vai virar canção. Um pode ser diplomata. Ou chofer de caminhão. O outro vai ser poeta ou viver na contramão. Um é louco por sorvete de chocolate e o outro detesta o gosto de chocolate com leite; prefere, pro seu deleite, cerveja com tira-gosto. Um adora um som moderno e o outro – como é que pode? – se amarra é num pagode. Um dos dois é muito alegre e o outro mais quietinho; um faz piadas com tudo e os dois riem sozinhos. Um é um cara ótimo e o outro, sem qualquer dúvida, é um sujeito muito bom. Um já não é mais rosado e o outro está mais marrom. (ZIRALDO, 2013, p. 31)

Pensando como leitores (leitores de mundo), é inevitável deixar de projetar papéis específicos para cada um dos meninos. Somente a criança, “ente natural por excelência”⁹, ainda não tem sedimentado o raciocínio das diferenças. Na narrativa, fica evidente que ao descobrirem as coisas por si mesmos, os meninos se enxergam como iguais. Para as crianças, em especial o menino marrom e o menino cor-de-rosa, na construção de seu mundo¹⁰, os

⁸ Para uma maior compreensão, basta digitar no buscador de imagens do google a palavra “negro”, derivação da palavra “negro” e observar a enorme quantidade de textos expressos de forma sarcástica ou pejorativa agregadas a fotos de homens negros comuns ou famosos (atores, cantores, jogadores de futebol etc). Frases como: “nego se assusta”, “nego não se enxerga”, “nego se acha”, dentre outras, são exemplos da associação negativa a uma palavra.

⁹ De acordo com Walter Benjamin: “Se o homem é por natureza piedoso, bom e sociável, deve ser possível fazer da criança, ente natural por excelência, um ser supremamente piedoso, bom e sociável”. (BENJAMIN, 1987, p.236)

¹⁰ “Assim, as próprias crianças constroem seu mundo de coisas, um microcosmos no macrocosmos” (BENJAMIN, 1987, p.238)

preconceitos e as diferenciações do mundo adulto soam como tolices. Segundo Walter Benjamin:

A criança exige dos adultos explicações claras e inteligíveis, mas não explicações infantis, e muito menos as que os adultos concebem como tais. A criança aceita perfeitamente coisas sérias, mesmo as mais abstratas e pesadas, desde que sejam honestas e espontâneas [...] (BENJAMIN, 1987, p. 236-7)

A obra *O menino marrom*, possuindo uma narrativa que argumenta a diversidade por meio das cores, trata em seu texto das diferenças de forma honesta e espontânea. No terreno da literatura infantojuvenil, promove a sensibilidade dos leitores para a afirmação de que as oposições não devem existir. Todos nós deveríamos agir como faz o menino marrom: “ele deu um sorriso lindo, [...] ele havia descoberto que o preto *não* era o contrário do branco!” (ZIRALDO, 2013, p.30)

Conclusão

Na obra *O menino marrom*, existe a busca pela razão, a procura de argumentos sinceros no que diz respeito às diferenças e à construção das identidades nos seres humanos. Sendo uma obra literária voltada para o público infantojuvenil, as indagações levantadas pelo menino marrom, pelo menino cor-de-rosa e pelo narrador encontram ou deveriam encontrar eco no público adulto.

A história da amizade entre o menino marrom e o menino cor-de-rosa faz parte de um “encontro saudável”¹¹ entre seres diversos. Com perguntas e propostas básicas, simplifica as relações entre brancos e negros.

O menino marrom não tem complexos de inferioridade, ele é uma criança, e como tal tem o mundo para desvendar e tentar entender. Pelo fato de ser ainda menino, é um personagem curioso, que não tem medo de buscar argumentos lógicos para seus pontos de vista. Ele ainda é imune a certos complexos.

¹¹ Segundo Fanon: Nosso objetivo é tornar possível um encontro saudável entre o negro e o branco. (FANON, 2008, p.81)

O autor Ziraldo deixa evidente a questão da inclusão e do respeito às diferenças. A narrativa é um esclarecimento sobre a ideia das cores e suas qualificações enquanto símbolos, bem como seus papéis nas construções das identidades.

Tendo em consideração a abordagem que o autor decidiu tomar, a narrativa propõe uma apresentação inocente e direta para impasses nas questões raciais. Para os personagens da história, não existe medo da cor, ambos os personagens agem no sentido de “enfrentar o mundo” (FANON, 2008, p.80) da maneira mais simples possível.

Referências

BENJAMIN, Walter. “Livros infantis antigos e esquecidos”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Vol1. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CHINEN, Nobuyoshi. *O papel do negro e o negro no papel*. Tese de Doutorado em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo/USP, São Paulo, SP, 2013. Disponível em:< www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde.../Nobuyoshi.pdf >, acesso em 01 de março de 2016.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. SILVEIRA, Renato da. [Trad.] Salvador: EDUFBA, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FRANÇA, Luiz Fernando de. “Desconstrução dos estereótipos negativos do negro em *Menina bonita do laço de fita*, de Ana Maria Machado, e em *O menino marrom*, de Ziraldo”. In: *Estudos de literatura brasileira contemporânea*, nº 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, p. 111-127.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. SILVA, Tomaz Tadeu da; LOURO, Guacira Lopes. [Trad.] Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte e na pintura em particular*. CABRAL, Álvaro; DANESI, Antonio de P. [Trad.] São Paulo: Martins Fontes, 2015.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2014.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. KNIPEL, Cid. [Trad.] São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ROSEMBERG, Fúlvia; BAZILLI, Chirley; SILVA, Paulo V. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. In: *Educação e pesquisa*, v.29, n.1, São Paulo, janeiro-junho, p.125-146, 2013.

SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo, mídia e cotas no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

ZIRALDO. *O menino marrom*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

Site do autor Ziraldo. Disponível em: <<http://www.ziraldo.com/home.htm>>, acesso em 9 de março de 2016.